

“O que você imagina? Eu imagino a dança na escola!” – Relato de experiência sobre uma prática pedagógica em Dança

Profa. Ms. Michelle Aparecida Gabrielli¹
(Universidade Federal da Paraíba)

O artigo em questão tem como objetivo refletir sobre uma experiência pedagógica na disciplina “História e Prática da Dança” no Curso de Especialização - lato sensu – “Arte, Educação e Sociedade”, no município de João Pessoa-PB, no primeiro semestre de 2017. O referido Curso teve como público-alvo, em sua maioria, professores(as) da rede municipal e estadual de ensino que atuam na área de Artes em toda a Educação Básica. Assim, neste trabalho, fez-se a escolha de se referir a estes(as) como “estudantes-docentes”, visto que ocupam as duas categorias. Logo, o componente curricular foi pensado e desenvolvido de modo que pudesse contribuir com o dia a dia dos(as) estudantes-docentes na sala de aula onde atuam, refletindo e discutindo diretamente sobre suas práticas pedagógicas mediadas pelo entendimento que se tem acerca da dança como área de conhecimento. A partir da aplicação de um questionário aos(as) estudantes-docentes contendo três questões relacionadas à Dança e à Arte (O que você vê? O que você sente? O que você imagina?) e que tinham como pano de fundo a pintura “A dança”, de Henri Matisse foi possível realizar uma análise preliminar sobre a forma com que a dança é vista, entendida e trabalhada por estes(as) profissionais. Consequentemente, discutiram-se assuntos voltados para a dança na escola (se está ou não presente no ambiente escolar; que dança é essa; qual o(a) profissional habilitado(a) para trabalhá-la), mais que isso, como os(as) estudantes-docentes podem vir a utilizar da dança em seus ambientes educativos e corroborarem para sua efetivação nas escolas paraibanas, tendo em vista que não têm ou possuem pouca formação nesta linguagem artística. Tais discussões tiveram como apoio teórico, principalmente, autoras da área de Arte e Dança na escola como: Ana Mae Barbosa (2009; 2007; 1993), Isabel Marques (2012; 2010; 2003; 2001), Márcia Strazzacappa (2001; 2006) e Carla Morandi (2006).

Palavras-chaves: Formação de professores(as); Dança na escola; Arte na escola; Especialização em Arte.

1. RODA MUNDO, RODA GIGANTE

Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência artístico-pedagógica que ocorreu durante a realização do componente curricular “História e prática da dança” no Curso de Especialização “Arte, Educação e Sociedade” em uma instituição de ensino superior privada do município de João Pessoa-PB, no primeiro semestre de 2017. O Curso teve como público alvo docentes da Educação Básica de escolas públicas (municipais e estaduais) e privadas em busca de formação e capacitação na área de

¹ Professora do Departamento de Artes Cênicas (DAC), do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutoranda em Educação pela UFPB. E-mail: mikagabrielli@gmail.com.

Artes. No entanto, é importante destacar que nem todos(as) possuíam licenciatura em alguma linguagem artística (dança, teatro, música, artes visuais ou ainda educação artística), porém, em sua maioria, lecionavam neste campo de ensino. Tendo em vista que, estes(as) estudantes são também docentes, optou-se por denominá-los(as) neste estudo como “estudantes-docentes²”, valorizando, deste modo, os novos conhecimentos a serem adquiridos pela condição de estudante e o conhecimento prévio proveniente da formação inicial e da atuação enquanto docente no dia a dia nas instituições de ensino em que atuam.

Partindo da ideia de que os(as) estudantes-docentes ministram aulas de Artes voltadas especialmente para o ensino das Artes Visuais, optou-se por trabalhar com a obra “A dança”, do pintor holandês Henri Matisse, representante do movimento Fauvismo. A escolha se deu por esta obra possibilitar reflexões iniciais simples acerca do universo da dança a partir de um conhecimento que os(as) estudantes-docentes já possuíam, a saber: pintura, desenho, cores, formas, movimentos artísticos, artistas, entre outros. Deste modo, explorou-se o que eles(as) já conheciam para adentrar em uma nova gama de conhecimentos sobre a linguagem artística da dança.

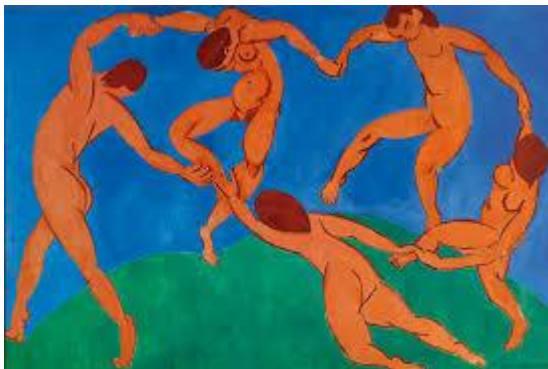


Fig. 1: A dança, Henri Matisse (1909-1910).

Inicialmente, a obra foi (re)apresentada para os(as) estudantes-docentes e, antes que fossem feitas quaisquer considerações por parte deles(as) ou da docente regente de classe, foi proposto que respondessem três questões norteadoras de todo o processo de ensino e aprendizagem:

² Os(as) estudantes-docentes responderam uma série de questões relacionadas ao componente curricular “História e Prática da Dança”, assim, para que não fossem expostos(as), receberam a nomenclatura ED (estudante-docente) seguida de uma numeração, por exemplo, ED. 1; ED. 15, para utilização de suas respostas neste trabalho. As citações dos(as) estudantes-docentes foram utilizadas exatamente da forma escrita por eles(as), assim, eventuais erros gramaticais, ortográficos e de pontuação estão de acordo com os originais.

1. O que você vê?
2. O que você sente?
3. O que você imagina?

Aparentemente são questões de fácil resolução, ainda mais quando se faz parte do mundo das artes, seja como professor(a), pesquisador(a) e/ ou artista. Todavia, apresentam um grau de complexidade relacionada à confusão entre ver, sentir e imaginar. Neste sentido, as questões contribuíram para despertar os(as) estudantes-docentes no que tange a sensibilidade ao se deparar com uma obra artística e os desafios contemporâneos de uma educação pautada nas artes e, mais especificamente, na dança.

2. O QUE VOCÊ VÊ?

A pergunta “o que você vê?” tinha como finalidade a descrição da imagem. Ou seja, com base em seus conhecimentos prévios os(as) estudantes-docentes deveriam descrever o que estavam vendo, utilizando, por exemplo, elementos como cores (primárias, secundárias, terciárias, quentes, frias e neutras), formas (humanas, animais, paisagens), figurativa, abstrata, entre outras possibilidades.

As respostas que atenderam a demanda apresentada foram: “obra artística, corpos rígidos e nus. Fundo azul e verde. Cores contrastando, marrom com laranja, representando luzes e movimentação” (ED. 4). “Uma pintura onde o nu aparece de forma espontânea” (ED. 3). “Uma imagem de pessoas, homens e mulheres unidas” (ED 2). “Homens dançando totalmente nus” (ED. 5). E de forma completa:

Retratção de seres humanos com suas sexualidades não definidas dançando em forma circular. A obra é do período fauvista/ expressionista onde o uso das cores primárias e puras é bastante explorado em detrimento ao uso da perspectiva, pois o objetivo do movimento era retratar toda a possível emoção de uma pintura ou trabalho visual (ED. 1).

Percebe-se uma diversidade nas respostas, no entanto, a que mais se aproximou do objetivo da questão foi a do(a) ED. 1, que abordou de modo mais completo as cores, o movimento artístico e as formas. Nas demais respostas verifica-se uma dificuldade em compreender o ato de ver com o de interpretar ou, como será demonstrado mais a frente, como o ato de imaginar.

Para elucidar, nota-se que: “a imagem mostra uma espécie de ciranda (dança). Em virtude de as pessoas na imagem estarem nuas, traz a mente a ideia de índios em uma dança circular típica dos povos indígenas” (ED. 6). “Pessoas celebrando a vida por meio de dança, aparentemente em círculo ao que dá para presumir que seja um culto” (ED. 9). “Um grupo de pessoas de mãos dadas, dançando aparentemente de forma livre, sem seguir uma coreografia” (ED. 7). “Pessoas dançando em um mundo multiplural, homens e mulheres comunicando-se pela expressão corporal. Os corpos nus traz a ideia de alma, libido, agradecendo ao sagrado e satisfação pessoal” (ED. 10). Ou ainda,

Ao olhar a obra vejo uma dança em círculo, realizada ao ar livre (ambiente externo), com cinco dançarinos nus, me fazendo lembrar de índios ou dança tribal. Ao observar, vejo que cada dançarino possui uma posição diferente, alguns denotam movimentos fortes, com uma pisada de pé forte, outros estão posicionados de forma que a forma com o corpo se coloca lembra posições clássicas como o ballet. Outro ponto a ser observado é a presença de homens e mulheres dançando juntos em plena interação e união, se expressando cada um a sua maneira, girando! (ED. 13)

As respostas apresentadas acima não estão erradas, pelo contrário, demonstram que os(as) estudantes-docentes veem a obra como uma representação de uma dança de roda, contudo, confundem o que viram com o que imaginam e até mesmo com o que sentem, não conseguindo fazer a diferenciação necessária para análise da obra.

Sobre isto, torna-se necessário discutir acerca da resposta dada por ED. 8:

Vejo um grupo de pessoas nuas. Homens e mulheres dançando em um ritual de orgia, onde o único objetivo parece ser sexual, seus corpos expostos de forma vulgar dando a dança uma sensualidade provocante, uma das mulheres tem o corpo inclinado e sua mão é solta, não se sabe o motivo mais é a única que solta a mão mediante a euforia como se todos estivessem embriagados.

A caracterização incompleta da obra ou ainda a aplicação de “juízo de valor” por meio do que se imagina ao invés do que se vê (que é o que o artista quis apresentar na obra) pode representar alguns perigos para o entendimento da obra de arte na contemporaneidade seja esta visual ou performativa. Isto porque se vive uma crise financeira e econômica mundial que, obviamente, afeta o Brasil, trazendo à tona questões relacionadas a inúmeros retrocessos em políticas públicas culturais e educacionais, por exemplo, mas também se presencia a tentativa de criminalizar,

censurar e atacar artistas e suas obras, especialmente se estas se inserem em temáticas feministas, LGBTs e de negros e negras, bem como se apresentam nudez.

3. O QUE VOCÊ SENTE?

Após refletir sobre o que viam em “A dança”, de Matisse, foi a vez de tentar identificar o que a obra despertava em cada um no tocante aos sentimentos. Deste modo, perguntou-se “o que você sente?”. A pretensão era de que cada um pudesse apreciar uma obra, independente de gosto, e percebesse como ela toca, emociona e mexe com o(a) observador(a). Não havia sentir certo ou errado, mas a ideia de que uma obra artística desperta a sensibilidade e permite sentir quaisquer coisas.

Assim, um(a) estudante-docente fez o seguinte destaque ao dizer o que a obra despertou nele(a):

Liberdade! Ao olhar a obra é esse o sentimento que me transmite. Liberdade de expressão, liberdade de técnicas, liberdade de movimentos. Em um círculo, todos girando ou circulando, onde não há hierarquia, não há um melhor do que os outros, todos juntos no mesmo propósito, da sua própria forma/ performance, no mesmo objetivo (dançando em sua própria liberdade! Entretanto, na nossa liberdade temos os outros que fazem parte disso. O outro e eu somos um! Unificação, unificação – liberdade! (ED. 13)

Outras respostas foram: “Um sentimento de paz, união, acolhimento, pertencimento” (ED. 12). “Sensação de união entre elas e também de liberdade, pelo fato de estarem nuas, me remete ao ‘despir-se de preconceitos e amarras’ e a valorização da essência feminina. Também sinto muita leveza, pelo fato de seus pés quase não tocarem o chão” (ED. 11). “A imagem me faz sentir equilíbrio entre os seres que comungam do ritmo e alegria dançantes” (ED. 12). “Sinto tontura em ver os corpos retorcidos girando em uma dança que desconheço, apesar de lembrar as cantigas e danças populares como ciranda e coco de roda. No entanto seus corpos nus em cores vibrantes fazem com que sinta irritação” (ED. 8).

A pergunta “o que você sente?” está diretamente ligada às emoções e sentimentos que a obra desperta em cada espectador. Todavia, nenhuma das respostas fez relação às emoções ou sentimentos, confirmando que há dúvidas sobre o ato de sentir. Algumas respostas acabam por descreverem a obra, o que não tinha acontecido na primeira pergunta (o que você vê?) que de fato tinha cunho descritivo. Verifica-se

que – apesar de a obra representar corpos amorfos, sem identificação de sexo ou genitália, por exemplo – a nudez, novamente, impactou negativamente e causou irritação, conforme pode ser visto na fala do ED. 8. Destaca-se que esta situação tem acontecido com certa frequência na atualidade brasileira, na qual museus, artistas, performances e obras visuais têm sido atacados por indivíduos independentes e de organizações de direitas e também fascistas.

4. O QUE VOCÊ IMAGINA?

A pergunta “o que você imagina?” permitiu inúmeras respostas, “dando asas à imaginação”. No entanto, observa-se que as repostas seguiram uma mesma linha de raciocínio, apontando para uma dança tribal e/ ou ritual.

Neste sentido, houve pontuações relacionadas aos aspectos ritualísticos e sagrados da dança, como por exemplo: “Visualizo uma cena de ritual, expressão livre ou energética, não necessariamente religiosa, somente uma forma de trocar energia com a dança e a música. Ritual de renovação” (ED. 7). “Imagino que elas estão, através desta dança, praticando algum tipo de ritual de evocação do sagrado feminino, da ‘mãe terra’” (ED. 11). “Imagino que a dança representada nessa obra é mais uma dança ritual, pois a imagem com os principais elementos nus mostra que dançam em louvo, ou em agradecimento a alguns deuses ou entidade” (ED. 9).

Outras se relacionam com os aspectos sociais advindos da dança tanto no que tange o indivíduo quanto o coletivo, como podem ser percebidos nas seguintes respostas: “o mundo poderia ser muito melhor se todos os povos se unissem em prol da humanidade. O ato de fazer um círculo e dar as mãos torna-se significativo”. “Uma comemoração que pode ser de uma alegria ou de uma tristeza onde ambos dão as mãos em apoio a outra” (ED. 14). “Uma dança circular, a ciranda, onde todos dão as mãos e são iguais em um movimento de constância” (ED. 12). “Eu me imagino no círculo, me expressando, colocando a minha energia, vivendo a emoção e sensação de liberdade, sem nada me prendendo ou me impedindo. Todos juntos contribuindo para a sensação ou vivendo uma liberdade” (ED. 13). “Imagino que possam estar em um momento ancestralizador de reunião e harmonização cultural, uma reafirmação do que são, sentem e a maneira como se relacionam na condição de comunidade” (ED. 12). Além de que a imagem pode representar “seres livres de amarras sociais ou pertencentes a uma sociedade rupestre onde a dança tem ligação com o espaço em que se vive e é algo

natural a estes” (ED. 1). “Imagino que por meio da imagem específica a ‘leveza que a dança pode proporcionar ao indivíduo” (ED. 9).

Percebe-se, então, que o círculo de pessoas e as mãos dadas são os fatores na obra que mais estimulam a imaginação dos(as) estudantes-docentes, fazendo com que pensassem em rituais, na ancestralidade, em danças populares e tribais e, mais ainda, na comunhão entre os povos, dando a ideia de uma dança social preponderante para a integralização e harmonização do indivíduo e do coletivo.

5. RODA MOINHO, RODA PIÃO

Como dito no início deste texto, o objetivo principal desta atividade era utilizar a obra “A dança”, de Henri Matisse, para compreender a forma com que a dança é vista, realizada e entendida por professores(as) da Educação Básica que estavam fazendo determinado curso de especialização. As três questões colocadas “o que você vê?; o que você sente?; e o que você imagina?” fizeram com que o imaginário acerca da dança viesse à tona e pudéssemos discutir sobre assuntos pertinentes ao universo desta linguagem artística na escola.

Ficou evidente que os(as) estudantes-docentes tiveram certa dificuldade em analisar a obra apresentada tendo como base as referidas perguntas. A questão que mais apresentou dificuldades foi a “o que você vê?”, as demais, chegaram mais perto do que foi solicitado. “O que você sente?”, indicou confusão ao que é sentimento e emoção, mas apresentou alguns elementos descritivos que ajudaram no entendimento do que estava sendo sentido. Por último, em “o que você imagina?”, conseguiram explicar de forma clara a interpretação que faziam da obra, apontando – na maioria das vezes – para uma compreensão comum de que era uma dança ritual.

A simplicidade da metodologia de ensino, baseada em uma obra artística e três questões referentes a ela, possibilitou a aproximação da temática desenvolvida no componente curricular. Conseguiu-se, assim, discutir e refletir sobre a Dança e também sobre a Arte na escola, utilizando para isso textos de autoras importantes para as áreas, como Ana Mae Barbosa, Isabel Marques, Marcia Strazzacappa e Carla Morandi. Logo, discutiu-se sobre formação de professor(a) de Dança, a Dança dentro do componente curricular Artes enquanto área de conhecimento, a presença da dança na escola, dentre outras questões relevantes para o universo do ensino e aprendizagem da dança na escola.

A guisa de conclusão é importante ressaltar o momento de opressão em relação às artes vivido na atualidade brasileira. As constantes ameaças de censura e a violência com que indivíduos e organizações dotados(as) de pré-conceitos e preconceitos, de desconhecimento, conservadorismo e de um discurso de ódio aos(às) artistas e suas obras não estão somente nos museus e nas ruas como tem se visto pela internet e televisão, estão também nas escolas. E aí que a formação inicial e continuada do(a) docente se torna importante, visto que conhecer, pesquisar, ver, sentir, fruir e fazer Arte e Dança tornam-se essenciais para maior entendimento destas linguagens e um processo de ensino e aprendizagem livres de “juízos de valores” e “achismos” que podem corroborar para a reprodução na escola e fora dela de discursos e práticas intolerantes.

6. REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- BARBOSA, A. M. T. B.; FERRARA, L. D.; VERNASCHI, E. (orgs.). **O ensino das artes na universidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: CNPq, 1993.
- BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.
- FOLHA de São Paulo. **Henri Matisse**. Barueri-SP: Editorial Sol 90: 2007. (Coleção Folha Grandes Mestres da Pintura; 8).
- MARQUES, I. A. **Dançando na Escola**. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **Ensino da Dança Hoje** - textos e contextos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Linguagem da dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.
- _____. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Blucher, 2012 (Coleção InterAções).
- STRAZZACAPPA, M. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. In: Cadernos Cedes, ano XXI, n. 53, abril/2001.
- STRAZZACAPPA, M.; MORANDI, C. **Entre a arte e à docência - a formação do artista da dança**. Campina, SP: Papyrus, 2006. (Coleção Àgere)